



***AS MULHERES QUILOMBOLAS NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO
NA COMUNIDADE QUILOMBOLA IBICUÍ DA ARMADA, LOCALIZADA NO
MUNICÍPIO DE SANT'ANA DO LIVRAMENTO-RS***

***LAS MUJERES QUILOMBOLAS EN EL PROCESO DE
ESCOLARIZACIÓN EN LA COMUNIDAD QUILOMBOLA IBICUÍ DA ARMADA,
UBICADA EN EL MUNICIPIO DE SANT'ANA DO LIVRAMENTO-RS.***

***QUILOMBOLA WOMEN IN THE PROCESS OF SCHOOLING IN THE
QUILOMBOLA COMMUNITY IBICUÍ DA ARMADA, LOCATED IN THE
MUNICIPALITY OF SANT'ANA DO LIVRAMENTO-RS.***

Lisiane da Silva Schlick¹

Claudio Baptista Carle²

RESUMO

O trabalho sobre as mulheres jovens, adultas e idosas, estudantes, mães ou avós, da Associação Remanescente de Quilombo Ibicuí da Armada, no processo de escolarização. Estuda o relacionamento das mulheres da associação com o processo de escolarização. Apresenta a Associação Remanescente de Quilombo Ibicuí da Armada e envolve a escolarização das mulheres, onde mulheres estudantes ou ex-estudantes em interação com as escolas. Foram entrevistadas oito mulheres, sendo quatro que estão na escola e quatro que não frequentam mais a escola. As mulheres negras quilombolas estudaram enquanto havia escola próxima disponível. Elas percebem uma boa relação com a escola, sem compreender o preconceito ou racismo no ambiente escolar. A maioria acredita que a escola é um local para se tratar sobre racismo, gênero, preconceito dentre outros assuntos. As mulheres jovens acreditam que a partir da escola é possível melhorar a qualidade de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Quilombo. Escola. Gênero. Negras.

RESUMEN

El trabajo con mujeres jóvenes, adultas y ancianas, estudiantes, madres o abuelas, de la Asociación Remanescente del Quilombo Ibicuí da Armada, en el proceso de escolarización. Estudia la relación de las mujeres de la asociación con el proceso de escolarización. Presenta la Asociación Remanescente del Quilombo Ibicuí da Armada e involucra la escolarización de mujeres, donde alumnas o exalumnas interactúan con las

¹ Mestre em Zootecnia. Instituto Federal Sul-Riograndense, Sant'Ana do Livramento, RS, Brasil.

²Doutor. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil.

escuelas. Se entrevistó a ocho mujeres, cuatro que están en la escuela y cuatro que ya no asisten a la escuela. Las mujeres quilombolas negras estudiaban mientras había una escuela cercana disponible. Perciben una buena relación con el colegio, sin entender prejuicios ni racismo en el ambiente escolar. La mayoría cree que la escuela es un lugar para discutir sobre racismo, género, prejuicios, entre otros temas. Las mujeres jóvenes creen que a través de la escuela es posible mejorar su calidad de vida.

PALABRAS-CLAVE: Quilombo. Escuela. Género. Negras.

ABSTRACT

The work on young, adult and elderly women, students, mothers or grandmothers, from the Remanescent Association of Quilombo Ibicuí da Armada, in the schooling process. It studies the association's women's relationship with the schooling process. It presents the Remanescent Association of Quilombo Ibicuí da Armada and involves the schooling of women, where female students or former students interact with schools. Eight women were interviewed, four who are at school and four who no longer attend school. Black quilombola women studied while there was a nearby school available. They perceive a good relationship with the school, without understanding prejudice or racism in the school environment. The majority believe that school is a place to discuss racism, gender, prejudice, among other issues. Young women believe that through school it is possible to improve their quality of life.

KEYWORDS: Quilombo, School. Gender. Black. Women.

Introdução - O mundo quilombola feminino na escola

O artigo apresenta a efetiva interação de mulheres quilombolas, com o processo de escolarização, na comunidade quilombola Ibicuí da Armada, localizada no município de Sant'Ana do Livramento³, Rio Grande do Sul. As mulheres da Comunidade Quilombola Ibicuí da Armada entendem o processo de escolarização como algo de valor positivo para a vida na localidade. A pesquisa permitiu investigar especificamente o grupo em interação local com as escolas. A investigação foi realizada em campo pela investigadora e revisada pelo coautor no processo de conclusão do curso de Formação Pedagógica no Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL).

As mulheres quilombolas são ou foram estudantes, em variadas idades escolares. A sua presença na escolarização, no universo do quilombo é um ponto fundamental para compreender a própria continuidade educacional, dos filhos e filhas, na preservação de questões tradicionais ligadas à região fronteira do Rio Grande do Sul. A dinâmica foi

3 Usamos essa forma de apresentação do município e não a forma mais conhecida "Santana do Livramento", pois é assim que a Prefeitura Municipal apresenta a cidade.

efetivamente percebida pela primeira autora desse estudo e discutida com o segundo autor que desenvolve estudos antropológicos sobre os remanescentes de quilombos no RS. Estudamos o relacionamento das mulheres com o processo de escolarização da Comunidade Quilombola e apresentamos a localidade, com os tipos de escolarização que alcançam na área próxima e como especificamente as mulheres da comunidade entendem o processo de escolarização no quilombo. É uma investigação em nível de graduação que passou por uma banca qualificada que validou a pesquisa. Em nenhum momento pretende desconsiderar as tradições orais cujo o conhecimento é passado pelos mais velhos para os mais novos, mas pretende-se conhecer especificamente a relação com a escolarização.

A investigação usa uma amostra pequena de interlocutoras, oito (8) mulheres, que se dispuseram em compartilhar suas ideias sobre os processos de escolarização da comunidade, com foco específico na situação de gênero envolvida, as mulheres são da Associação Remanescente de Quilombo Ibicuí da Armada. No total da associação são cinquenta e três mulheres, onde 14 estão em idade de receber a educação básica. Oito (8) dessas 53 mulheres, de diferentes idades, foram entrevistadas de forma presencial e individualmente.

As mulheres são de uma comunidade quilombola, rural e fronteira. A primeira autora é zootecnista, com mestrado em zootecnia, trabalha em uma empresa de assistência técnica e extensão rural (+20 anos), Emater/RS-Ascar. Fez também a graduação em Tecnólogo em Agricultura Familiar e Sustentabilidade e no momento faz o curso de História na UFPEL, sendo que as questões das mulheres das comunidades rurais suscitam a pesquisa. O segundo autor é professor de programa de pós-graduação, com uma produção contínua, sobre as questões quilombolas e de afro-brasileiros.

A investigação mostra as mulheres no processo de escolarização do Quilombo a partir de textos contextualizando o município e o quilombo do Ibicuí da Armada. A pesquisa na comunidade quilombola é instaurada a partir de um pequeno levantamento para identificar as escolas que servem ao quilombo. As mulheres interlocutoras, narradoras, nos permitiram realizar os questionários tratando de seus relacionamentos no processo de escolarização, em entrevistas fechadas. A comunidade do quilombo está na região rural, no município de Sant'Ana do Livramento e sobre ela tratamos.

Pequeno histórico do município e do Quilombo Ibicuí da Armada

O pampa, onde se localiza o município de Sant'Ana do Livramento, é lugar de variados grupos indígenas (Rosa, 2020), hoje invisibilizados na interação com a sociedade envolvente, da mesma forma que as comunidades negras e quilombolas. A Constituição do Brasil, de 1988, mudou as relações com essas comunidades, pois destacou seu valor para formação e continuidade do povo brasileiro.

Na fronteira entre Brasil e Uruguai, Sant'Ana do Livramento, encontramos os charruas e minuanos, indígenas comprimidos na invasão europeia, já no século XVI (Garcia & Milder, 2012). Grupos que se organizam como caçadores-coletores, com uma produção horticultora bem insipiente, ocupam uma ampla área de forma bem espalhada. A invasão europeia dispersa esses grupos e muitos desaparecem pelas doenças e pelo extermínio de suas populações. A ocupação espanhola inicial foi desastrosa para essas comunidades. A disputa pelo território, entre portugueses e espanhóis, utiliza-os como soldados de um lado e do outro, com poucos armamentos, levando ao quase desaparecimento (Rosa, 2020).

Sant'Ana do Livramento faz divisa com a cidade uruguaia de Rivera em mais de cem quilômetros de faixa de fronteira. Campos e planícies permitem grandes criações de bovinos e ovinos. A economia atual da região é baseada no comércio, nos serviços, agropecuária, lavouras de soja e arroz. A vitivinicultura e a produção de oliveiras para azeites mudam o cenário da região em conjunto com a produção de noz pecan (URCAMP, 2022).

Os conflitos no Rio da Prata, em 1810, levam a emancipação política das colônias espanholas, enquanto, a monarquia portuguesa se instala no Brasil, fugindo a expansão francesa na Europa (Prefeitura, 2022 a; 2022 b). A monarquia organiza tropas em uma conturbada linha territorial no RS e atua no sentido de proteger a tênue fronteira. O Exército Pacificador é dividido em dois, sendo os destacamentos principais estabelecidos no Rio Ibirapuitã (Madril, 2017). O acampamento chamado de Cidade de São Diogo (Diogo de Souza, Conde de Rio Pardo, é seu comandante), deu o início ao povoamento que se tornaria Sant'Ana do Livramento, construíram uma capela junto ao arroio Ibirapuitã. As autoridades religiosas reprovaram esse primeiro local, migrando-a para o Itaquiatiá, com a denominação de Nossa Senhora do Livramento, em 30 de julho de 1823, que assinala fundação oficial do povoamento (Prefeitura, 2022b).

O início do povoamento europeu de Sant'Ana é de 1814, na figura do Marquês de Alegrete (Prefeitura, 2022a), que implementa as sesmarias de Belarmino Coelho, João da Costa Leite e Antônio José de Menezes, ocupação no final da Colônia, após as disputas pela região da Cisplatina (hoje Uruguai). Quatro anos depois é incentivada a ocupação mais efetiva da região. Os indígenas que ali viviam foram “conquistados” pelo modelo dos jesuítas espanhóis (Prefeitura, 2022b; De Almeida, et al., 2020).

A ocupação dos portugueses e dos brasileiros (a partir de 1822 no Império), estruturam as bases para o município, tendo como mão de obra, até 1888 pelo menos, a escravizada, de africanos e seus descendentes. Durante as fugas foram criados quilombos que existem até hoje. O abandono e entrega das terras aos que nela habitam, criam também as comunidades quilombolas, a “deixa de terras”, recebidas de estancieiros, como é o caso que estudamos em Sant'Ana do Livramento (Rubert, 2005).

Os imigrantes portugueses, espanhóis e italianos formam parte dos outros integrantes da matriz étnica do município junto com os ameríndios e africanos. Os escravizados negros trabalham nas estâncias como peões ou capatazes, atuam na lavoura e na condução e cuidados com o gado (Prefeitura, 2022b). É possível verificar o trabalho com a pecuária ainda hoje na comunidade em destaque.

Segundo Rubert, (2005, p. 31):

Há divergências, por parte dos historiadores, quando ao grau de utilização de escravos na atividade campeira. Mas mesmo os historiadores que minimizam a sua importância apontam que nem por isso esta modalidade de apropriação do trabalho era insignificante para a reprodução das fazendas de pecuária, pois era principalmente por mãos escravas que ocorria a produção e beneficiamento de alimentos que abasteciam a estância, como também as pequenas vilas.

Rosane Rubert (2005), estudando quilombos junto com a EMATER (Associação Riograndense de Empreendimentos e Assistência Técnica e Extensão Rural) / RS - Ascar (Associação Sulina de Crédito e Extensão Rural), desenvolveu vários estudos dos quilombos no RS, onde no pampa percebe-se que os escravizados eram fundamentais na produção e beneficiamento de alimentos, nas estâncias. A presença negra na produção de gado, nas estâncias, charqueadas e frigoríficos formam pequenas vilas, que se transformam em cidades, fruto dessa mão de obra (Assumpção, 2009). A República liberta os escravizados, mas não lhes permite uma vida íntegra, a resistência aparece nos Remanescentes de Quilombos (Alexander, 2018), se espalham no país sendo

reconhecidos com a Constituição de 1988, ou seja, 100 anos depois da libertação, conforme a Antropóloga do Ministério Público, Miriam Chagas (2001).

A área rural do município é dividida em sete distritos. O terceiro distrito é o do Ibicuí, nas margens do Rio Ibicuí da Armada, na divisa do município de Dom Pedrito. A Comunidade Remanescente de Quilombo do Ibicuí da Armada é confirmada pelos “técnicos da Emater/RS-ASCAR e representantes do Conselho Estadual de Desenvolvimento da Comunidade Negra – CODENE, acompanhados pela antropóloga Rosane Aparecida Rubert” (Madrid, 2014, p. 2).

O IBGE identifica 31 (trinta e uma) famílias descendentes de escravizados alforriados, que ocupam a região e recebem do Governo Federal, através da Fundação Cultural Palmares, a certidão de auto definição, “reconhecidos legalmente como remanescentes de quilombo” (Madrid, 2014, p. 2). Segundo Hauder e Duarte (2019, p. 126) “os dados coletados após entrevista a assistente social do município de Sant'Ana do Livramento, ficou constatado que no município existem 39 famílias autodeclaradas quilombolas, morando na localidade do Quilombo do Ibicuí da Armada”.

A comunidade Remanescente de Quilombo Ibicuí da Armada, registrada na Fundação Palmares no processo 01420.001381/2009-11, é certificada 185/2009, 19/11/2009, mas o INCRA não iniciou a demarcação (conf. ref Fundação Palmares, 2022). Está distante quarenta, 40 Km, da sede do município. Em 2009, cria personalidade jurídica, tornando-se Associação Remanescente de Quilombo Ibicuí da Armada e, em 29 de junho de 2006, recebe a Certidão de Auto Definição da Fundação Palmares (Hauber & Duarte, 2019). Alguns de seus integrantes são proprietários das terras, por isso não foi realizada a demarcação de terras, mas segundo Hauder e Duarte (2019, p. 133) “existam algumas políticas públicas sendo implementadas no quilombo do Ibicuí da Armada, nenhuma delas destina-se especificamente ao desenvolvimento territorial, ou em favor da demarcação e certificação de seu território”. Conforme Rubert, (2005, p.47) um dos ancestrais da comunidade, Manoel Vicente Vaqueiro, filho de escravizados recebe a “deixa de terras” de estancieiro no Ibicuí da Armada, compram terras, os filhos de Seu Manoel, criam gado adquiridas pelo trabalho como capatazes e tropeiros. Os aportes econômicos, devidos pelos estancieiros, foram sendo trocados por pequenas áreas de terra.

O ato de reconhecimento e formação da Associação reúne, na atualidade, quarenta (40) famílias, cento e um (101) integrantes, conforme dados do Escritório

Municipal da Emater/RS-Ascar. As famílias são formadas na faixa etária entre nove meses de idade até 95 anos. A maioria formada a partir do casal inicial e seus filhos, sendo que muitos saíram de casa para trabalhar e constituir sua própria família.

No momento da investigação cinquenta e três pessoas do Quilombo eram mulheres e quatorze (14) estavam em “idade escolar” (De Gouveia, 2004). As mulheres em sua maioria se dedicam aos cuidados da casa, além do serviço doméstico trabalham com culturas de subsistência em hortas e na criação de animais domésticos, como galinhas. A Associação tem como presidenta uma mulher (informação oral durante a investigação, das mulheres da Associação, entrevistas de agosto de 2022).

Na localidade existe uma escola municipal, Escola Municipal de Ensino Fundamental Rafael Vieira da Cunha, que além da comunidade quilombola atende crianças e jovens moradores da região e oriundos dos assentamentos de reforma agrária, localizados nas proximidades. Os estudantes acessam a escola pelo transporte escolar. A distância percorrida entre a última casa dos integrantes da Associação até a escola é de aproximadamente 11 km. Após o término do ensino fundamental, os estudantes cursam o ensino médio na sede do município, para o qual também recebem transporte escolar e percorrem uma distância de aproximadamente 40 km (dados levantados pela autora do artigo, no próprio local e junto à escola).

A coleta de informações na escola e na comunidade mostra que ao longo dos tempos as desigualdades sociais sempre estiveram presentes na região. No contexto histórico do Brasil os indígenas, os pobres, os negros e as mulheres, dentre outros, constituem grupos que tem a discriminação como uma constante em sua vivência (Madrid, 2014). As desigualdades envolvem questões econômicas, políticas, sociais e religiosas e refletem também na educação como um todo. O estudo das mulheres remanescentes de quilombos percebe que essa desigualdade está presente na região.

Os negros sempre estiveram à margem da sociedade, e as mulheres negras mais ainda (Hooks, 2015). É evidente a exclusão dos negros e das mulheres. Mesmo após a abolição e a instalação da República no Brasil a escola permaneceu elitista e não inclusiva. A visão eurocêntrica da história do Brasil, trabalhada nas escolas, se conjuga ao passado de proprietários de escravizados, colaboraram para o racismo, mesmo com os negros frequentando a escola. Os negros não estavam representados nos currículos escolares (Todo estudo, 2022).

A luta dos negros e negras, no Brasil sempre esteve presente desde o início da invasão europeia. Várias lideranças negras surgem e fazem força pela ruptura da exclusão (Silva,2022). A criação do poeta gaúcho, Oliveira Silveiro, do dia 20 de novembro como “Dia da Consciência Negra” (Cruz, 2022), em 1978, é um marco para essa luta. A sociedade, a partir da Constituição de 1988, atua de forma compensatória e, em 2003, a Lei 10.639 e, em 2008, a Lei 11.645/08, obriga o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas básicas brasileiras públicas e privadas. Políticas públicas como as cotas universitárias, as cotas em concursos públicos e outros são tentativas de ressarcimento ao déficit histórico causado aos negros (Cruz, 2022).

A educação, deste antes da libertação em 1888, é caminho para as pessoas negras brasileiras galgarem espaços sociais, mas nas relações a exclusão é presente. A investigação foca a exclusão das mulheres negras em lugar distante dos centros metropolitanos do País. A região Sudoeste do Rio Grande do Sul, em meio ao universo rural, as populações negras ainda estão alijadas. É o caso do Quilombo localizado no sul do sul do Brasil, em meio rural aristocrático.

Caminho da pesquisa com as mulheres quilombolas

Andando com as mulheres quilombolas essas se mostram como pesquisadoras de sua vida. As mulheres quilombolas olham suas filhas, no acesso à escola, como benefício e oportunidade de empregos longe de suas casas, pois as filhas na escola estão protegidas. Olham a educação que qualifica suas filhas para o futuro, que muitas vezes elas não puderam ter (Souza, Antunes, Nunes, p. 384, 2013).

A pesquisadora foi até o quilombo realizar a investigação. As mulheres quilombolas da Armada foram entrevistadas de forma indutiva. Realizadas em pequeno grupo de mulheres da comunidade. A exclusão das mulheres é sempre dita, na sua escolarização também. A interação com as mulheres criou o questionário curto e direto, que permite entender como as mulheres quilombolas do Ibicuí da Armada percebem a escola e suas relações com a mesma. Primeiro foi a escolha do grupo, das narradoras, que estavam dispostas e por proximidade entre elas. Foram feitas visitas em um grupo com variedade de idades, no expor as várias sensações na relação com a escola.

A pequena amostra é ilustrativa dos diversos grupos de mulheres e de idades das quilombolas. As entrevistas aconteceram no Quilombo. As narradoras foram observadas

nos seus gestos manifestos, de satisfação ou insatisfação, com os questionamentos. As perguntas foram as mesmas para todas e após foram tabuladas. A tabulação criou o universo de interpretação. As interpretações mostraram diferenças entre as diversas narradoras, na sua interação com os espaços educativos formais. As mulheres quilombolas indicaram que fora a primeira vez que responderam a este tipo de entrevista.

As entrevistas percorreram o processo de escolarização, oito mulheres das 53 do quilombo participaram, quatro em “idade escolar” e outras quatro mulheres, que não estudam mais, mas tem relação com a escola, através dos filhos ou netos que estudam em espaços formais de educação. As entrevistas mostram as relações com os conteúdos trabalhados na escola, com referência à cultura afro-brasileira e a história africana, como indica a legislação atual (destaque da Lei 10.639/2003).

A pesquisa de forma indutiva traz a escola, como local para discussão de temas relacionados ao racismo, desigualdades, dentre outros. O grupo que está na escola compreende as meninas que cursam o ensino básico, quatro com idades entre 11 e 17 anos, o que não frequenta mais a escola são quatro 32 e 67 anos, mas matem contato através dos filhos e ou netos.

A interpretação das entrevistas e observações

Os dados das entrevistas com 8 mulheres interpretados a partir da questão problema relacionada com o processo de escolarização das mulheres. As entrevistadas foram preservadas, e não expomos as identidades das mesmas. As idades mostram a relação diferente com os processos de escolarização. Questionadas sobre a “naturalidade”, mostra continuidade das mulheres quilombolas em seu município raiz.

As séries (ou anos) de estudo são visíveis, pois estudam pela proximidade física com a escola, assim questionamos sobre as escolas que estudam ou estudaram em relação de proximidade de suas casas. Inquirimos o sentido da escola para essas mulheres. O questionamento simples e com respostas mais diretas mostrou-se interessante para as mulheres entrevistadas.

A pesquisa especula a relação da educação com a legislação antirracista, que existe desde 2003, e sobre a exclusão social e histórica dos afrodescendentes. Questionamos se a escola traz conteúdos de valorização da cultura afro-brasileira e história africana, nos preconceitos ou racismo sofridos ou presenciados, e seus

sentimentos sobre isso, e se a escola discute temas como racismo, discriminações ou preconceitos, de cor, de gênero, dentre outros.

Todas as mulheres são naturais de Sant'Ana do Livramento. Nenhuma das entrevistadas reconheceu que tivesse sofrido discriminação ou racismo na escola. As mulheres de mais idade entre 49 e 67 anos estudaram até a 5ª série. O que percebemos é que a escola mais próxima do quilombo, que é a Escola Municipal Rafael Viera da Cunha, pelo menos até os anos de 1980, só oferecia estes primeiros anos de formação. Refletimos então sobre a impossibilidade de deslocamento, essas mulheres, procuraram estudar o máximo que puderam, perto da comunidade quilombola.

O mito da democracia etno-racial está presente no Brasil como forma de negação do racismo estruturado. Sendo que o racismo acontece de várias formas no dia a dia das pessoas, até no vocabulário utilizado. Palavras como denegrir, expressões como ovelha negra, dentre outras, demonstram que o racismo está impregnado na cultura brasileira. Entretanto, em vários momentos passa despercebido para a grande massa da população, inclusive com a utilização de outros termos para designar uma pessoa negra, como se o uso do termo negro fosse pejorativo. Tratando sobre o assunto Souza (2008 p.19) informa “possuem convicção que não deveriam pronunciar a palavra e sim termos já citados como moreninho, mulatinho, cor de cuia, e outros, gerando inseguranças e confusões para dirigirem-se aos negros.”

Na relação de tempo de estudo e escola que estudou, uma das entrevistadas citou a escola Dr. Pio Salgado, fomos verificar a informação e descobrimos, junto a secretaria de Educação (informação oral) que até mais ou menos a década de 1980, havia na localidade duas escolas municipais: a Escola Dr. Pio Salgado e a escola Vitélio Gazapina. A escola Dr. Pio Salgado localizava-se próxima a comunidade, mais para o interior, dentro da área onde está a comunidade, e a outra, Vitélio Gazapina, se localizava mais próxima do local da escola atual Rafael Viera da Cunha. Naquela época não havia o transporte escolar e os estudantes frequentavam a escola mais próxima da sua residência e se deslocavam a pé ou a cavalo. A partir de 1991, a Secretaria Municipal de Educação, unificou as duas escolas, denominada então de E. M. E. F. Rafael Vieira da Cunha, transformada em escola polo, que é uma escola para onde uma região se desloca para obter o ensino fundamental, e a escola possui ensino fundamental completo.

A necessidade de existência da escola, os dois grupos responderam positivamente, e destacaram que a escola é um local bom para aprender e o grupo que

está na escola, de forma unanime, afirmou que o sentido da mesma está relacionado a melhoria da qualidade de vida e serve para “ser alguém no futuro”.

Os estudos na escola sobre conteúdos que valorizam a cultura afro-brasileira e história africana, só começam a ser trabalhados depois de 2003, com a Lei 10.639. O grupo que não frequenta mais a escola nega discussão em aula sobre a temática. O grupo mais jovem em escola, com exceção de uma, afirmou que já trabalhou esse conteúdo.

As entrevistadas que trabalharam conteúdos de afro-indígenas indicam que fortalece o grupo quilombola, mas não especificaram como. A investigadora contatou a atual diretoria da Associação do Ibicuí da Armada que tem várias mulheres como base da organização. As famílias são participativas na associação e na escola, o que colabora para a formação de novas lideranças quilombolas e busca a garantia dos direitos constitucionais de uma comunidade remanescente de quilombo.

Para além do acesso ao ensino, faz-se necessário refletir sobre que tipo de currículo é disponibilizado a população negra ao longo dos anos de educação no Brasil, pois predominantemente os conteúdos trabalhados na escola enfatizaram o homem branco, numa perspectiva eurocentrista. Com forma de incluir os conteúdos de história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares é que em 2003, a partir da luta do Movimento Negro é publicada a lei 10639/03. Tratando sobre a conquista da lei Pereira (2016, p. 16) esclarece “é uma outra forma de ação afirmativa para a população negra, conforme explica o próprio documento, que apresenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”.

A escola é um local de discussão de temas como o racismo, gênero, preconceito e outros assuntos que envolvem discriminação e inclusão, seis mulheres concordam e afirmam que sejam discutidos como conteúdos escolares. As duas mulheres que acreditam não ser o espaço indicado para isso pertencem ao grupo das que não frequentam mais a escola, como estudantes. Temas ainda polêmicos, que afligem diretamente as mulheres negras, são entendidas pela maioria como um pensamento transversal relacionada ao papel da educação escolar. Há um mito persistente de que a escola é lugar para ensinar ler, escrever e contar. Como licenciados percebemos que a escola deve ter outra perspectiva, que vai além de transmitir os conteúdos formais; a escola é local de discussão; de exercício da cidadania; de conscientização e de lutas pelos direitos constitucionais.

A pesquisa simples, com falas curtas das entrevistadas, comum entre pessoas de espaço rural, como Quilombo Ibicuí da Armada, proporciona uma visão bastante ampliada sobre a relação das mulheres com as escolas. As mulheres definiram sua relação com a escola, que estudou ou que estuda, como “boa”, entretanto duas, mencionaram a dificuldade de acesso como uma questão que atrapalha ou atrapalhou a relação com a escola. Uma das mulheres, com mais idade, que não continuou os estudos, pois as escolas eram longe de sua moradia, parando na série que a escola mais próxima, ofertava. A mulher no meio rural é dedicada aos afazeres da casa e da produção agrícola, o que limita o desenvolvimento dos estudos escolares.

O aspecto, do abandono prematuro da educação escolar é importante, mas se houvesse oferta de outras séries escolares, àquela época, essas mulheres, que não frequentam mais a escola, teriam ampliado sua escolarização. É importante ressaltar, que a proximidade da escola com a moradia é de suma importância para a permanência das estudantes na escola. As mulheres, com certeza, são as mais prejudicadas com a falta de escolas em meio rural, pois destacadas para os afazeres domésticos são impossibilitadas de se afastar de suas moradias ainda no grupo familiar original, bem como em caso de domicílio em que é esposa.

O estudo é inicial, diagnóstico, simples e que envolve um grupo pequeno de questionamentos e entrevistadas, mas mesmo assim, apresentam uma gama ampla de possibilidades que podem ser aprofundadas com estudos mais robustos e com maior tempo para realização. Mulheres quilombolas são o esteio das famílias e mantenedoras da ordenação cultural de seus grupos (Santos, 2018). A pesquisa focou em entrevistas com mulheres quilombolas de comunidade de fronteira, longe dos grandes centros urbanos. As moradoras do quilombo ao se entrelaçarem com o sentido da escola, algumas por memórias e outras por vivência direta e atual, apresentam trajetórias históricas da comunidade com as escolas próximas. A história dessa relação ainda está para ser contada e suas narrativas podem apresentar melhor as relações do grupo, com a escolaridade, mas nesse primeiro diagnóstico já é possível perceber vestígios das experiências com a escolaridade e sua valorização pelas mulheres quilombolas.

Considerações finais

A investigação inicial do processo de interação de mulheres quilombolas com o contexto escolar é, para essa região pelo menos, uma novidade. O estudo foi realizado junto à comunidade quilombola de Ibicuí da Armada, localizada no município de Sant'Ana do Livramento, Rio Grande do Sul. A presença negra na região pode ser indicada que acontece pelo menos desde os anos de 1810, mas com certeza antes, devido a dominação espanhola da região. A presença negra formou quilombos que tem estrutura rural e estão ligados as lidas campeiras. As mulheres nesse contexto estavam e estão mais distantes dos direitos sociais, mesmo depois da Constituição brasileira de 1988.

A investigação foi desenvolvida a partir de um questionamento principal que tenta compreender como essas mulheres quilombolas se relacionam com o processo de escolarização. As mulheres quilombolas investigadas estão no espaço escolar ou participaram de uma escolarização. As mesmas possuem idades variadas e assim relações variadas com a escola formal. A continuidade educacional, dos filhos e filhas dessas mulheres e delas mesmas, como um passo necessário a dinâmica atual de quilombos no Brasil, perpassam as formas tradicionais de persistência cultural. A escola pode ser um lugar para tanto, como indica a legislação pesquisada. Uma comunidade da região fronteira, do Brasil e Uruguai, no Rio Grande do Sul, como essa, considerando ser uma comunidade rural, apresenta sentidos que podemos perceber pelas entrevistas realizadas.

O trabalho cujo objetivo geral foi de estudar o relacionamento das mulheres com o processo de escolarização na Comunidade Quilombola Ibicuí da Armada de Sant'Ana do Livramento – RS, teve sua efetivação, com interpretações que podem suscitar novos estudos junto a essas comunidades relativas a escolarização das mulheres.

Apresentamos a Comunidade Quilombola, sua localização e pequeno histórico de inserção na região. Observamos através de entrevistas com a comunidade, especificamente mulheres, e com a Secretaria Municipal de Educação que em algum tempo, no trajeto dessas entrevistadas desenvolve-se processos de escolarização quilombola, que em um momento anterior, eram em duas escolas que agora se fundiram em uma, mas que antes essas escolas eram apenas dos cinco anos iniciais de estudos e que agora pelo menos chegam ao final do Ensino Fundamental. Esse processo anterior impediu que mulheres seguissem seus estudos apesar de valorizarem muito esse processo.

O objetivo de identificar que tipos de relacionamentos essas mulheres quilombolas do Quilombo Ibicuí da Armada travaram e travam com a escolarização foi atingido, mas de forma simples e ainda diagnóstica, que abre um leque de interesses de novas investigações. As entrevistas possibilitaram descrever algumas dessas formas de relacionamento, dessas mulheres quilombolas, e de suas expectativas com o processo de escolarização. Destacamos que foram apenas oito mulheres entrevistadas em um questionário curto e direto, indutivo, mas que compartilharam suas angústias e esperanças com a escolarização.

As mulheres negras quilombolas da Associação Remanescente de Quilombo Ibicuí da Armada em Sant'Ana do Livramento valorizam o processo de escolarização. Quando tiveram acesso à escola ocuparam o seu espaço e se relacionaram de forma positiva com a mesma. As mulheres quilombolas acreditam que a escola além de ensinar os conteúdos programáticos, bancários, tradicionais, deve proporcionar a discussão de temas como racismo e gênero, e percebem que os estudos sobre cultura afro-brasileira e história africana é um caminho necessário para ampliar essas discussões.

O estudo destacou em um momento posterior as entrevistas que o não reconhecimento do racismo na escola não se configura, pois existem situações relatadas pelas próprias entrevistadas ou de forma informal pela presidente da associação que demonstram que o racismo existe, como a falta de transporte escolar para uma das jovens continuar o ensino médio na cidade, estudante negra sem par para fazer uma apresentação, dentre outras situações que não apareceram na entrevista, mas que acontecem no dia a dia dessas e outras mulheres negras, que muitas vezes não reconhecem como racismo devido ao mesmo estar tão estruturado.

O estudo evidenciou a necessidade de aprofundar cada vez mais, questões de gênero, a discriminação e devemos considerar que, apesar dessas mulheres estarem em espaço rural, em região mais a sul do Brasil, não estão delgadas das importantes discussões nacionais relativas a inclusão de negras e quilombolas na sociedade. Focamos no processo de escolarização, que essas entendem fundamental para a valorização de suas comunidades e da diversidade da população brasileira.

Referências

ALEXANDER, Michelle. *A nova segregação*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

ASSUMPÇÃO, Jorge Euzébio. *Pelotas: Escravidão E Charqueadas (1780 1888)*. Joinville (SC): Clube de Autores, 2009.

BRASIL - CAMADA DOS DEPUTADOS, Legislação Informatizada - Dados da Norma *Decreto nº 7.031-a*, de 6 de setembro de 1878 disponível em <www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7031-a-6-setembro-1878-548011-norma-pe.html>, acesso em agosto de 2022

CHAGAS, Miriam de Fátima. A política do reconhecimento dos "remanescentes das comunidades dos quilombos". *Horizontes Antropológicos*, v. 7, p. 209-235, 2001.

CRUZ, Gabriela. Ensino obrigatório da cultura afro é ferramenta para vencer racismo. *Portal A Tarde.com.br*, Publicado sábado, 20 de novembro de 2021, às 06:05 h; Atualizado em 19/11/2021; disponível em www.atarde.com.br/bahia/bahiasalvador/ensino-obrigatorio-da-cultura-afro-e-ferramenta-para-vencer-racismo-1179662#:~:text=A%20Lei%2010.639%2F03%2C%20que%20há%2018%20anos%20instituiu,particulares%2C%20do%20ensino%20fundamental%20até%20o%20ensino%20médio. Acesso em agosto de 2022.

DE ALMEIDA, Clarice Gomes de; VOSS, Dulce Mari da Silva. Somos gaúchos, queremos ficar no rio grande: a história do assentamento conquista da fronteira. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, v. 9, n. 2, 3 mar. 2020.

DE GOUVEIA, Maria Cristina Soares. Tempos de aprender: a produção histórica da idade escolar. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 4, n. 2 [8], p. 265-288, 2004.

FERREIRA, Maria Raquel Dias Sales; EITERER, Carmem Lúcia; MIRANDA, Shirley Aparecida de. Raça e gênero na construção de trajetórias de mulheres quilombolas. *Revista Estudos Feministas*, v. 28, 2020.

FUNDAÇÃO PALMARES. *Informações quilombolas*, disponível em www.palmares.gov.br/sites/mapa/crqs-estados/crqs-rs-22082022.pdf acesso em setembro de 2022.

GARCIA, Anderson Marques; Milder, Saul Eduardo Seiguer; Particularidades históricas e culturais dos Charrua e dos Minuano do Pampa Sul-americano. *Estudios Historicos*. Año IV – julio – Nº 8, Uruguay, 2012.

HANDER, Gustavo; DUARTE, Tatiane Lopes Lopes. Políticas públicas de demarcação territorial: estudo de campo no Quilombo do Ibicuí da Armada de Sant'Ana do Livramento/RS. *Revista Gesto: Revista de Gestão Estratégica de Organizações*. Santo Ângelo, v. 7, n. 2, p. 117-136, jul./dez. 2019.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. (p. 193-210) Dossiê Feminismo E Antirracismo, *Revista Brasileira de Ciência Política* (16), Jan-Abr, 2015
MADRID, Rosemeri da Silva. *Ações empreendedoras do governo municipal de Sant'ana do Livramento na comunidade remanescente de quilombo do Ibicuí D'armada*. Santana do Livramento: Unipampa, 2014.

MADRIL, Elias Ivan Quevedo. *Estudo do absentismo na prefeitura municipal de Santana do Livramento*: amparado na legislação e por outros motivos. (Monografia de Especialização - Curso de Tecnologia em Gestão Pública - Ciências sociais aplicadas - Orientador Luiz Edgar Araújo Lima) Santana do Livramento: Unipampa, 2017.

PEREIRA, Amilcar Araújo. O movimento negro brasileiro e a Lei 10.639/2003: da criação aos desafios para a implementação. *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 22, p. 13-30, ago/dez de 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/3452>. Acesso em;28 de nov. 2024.

PREFEITURA de Sant'Ana do Livramento. *Nossa Cidade*. Disponível em www.sdolivramento.com.br/cidade/ acesso em agosto de 2022a.

PREFEITURA de Sant'Ana do Livramento. *Origem e Povoamento*. disponível em ww.sdolivramento.com.br/cidade/ acesso em agosto de 2022b.

ROSA, Carlos R. de C. *As sociedades pré-coloniais na fronteira Brasil Uruguai: um olhar para além do colonizador europeu*. (Oror^a. Marta Rora Borin), Dissertação de Mestrado, UFSM, Centro de Educação, PPGH, Santa Maria, UFSM, 2020.

RUBERT, Rosane A. *Comunidades negras rurais do RS: um levantamento socioantropológico preliminar*. Porto Alegre: RS-Rural / IICA, 2005.

SANTOS, Cledineia Carvalho. *Comunidade Quilombola Nova Esperança: a mulher na construção identidade étnica*. Programa Multidisciplinar de Pós-graduação Cultura e Sociedade. Linha de pesquisa 2: Cultura e Identidade pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, Orientador Prof. Dr. Fernando Costa da Conceição, UFBA: Salvador/ Bahia, 2018.

SILVA, Vanessa C. P. Dia da consciência negra no Brasil: algumas reflexões. *Revista de História Bilros: História (s), Sociedade(s) e Cultura(s), [S. l.]*, v. 2, n. 03, 2022.

SOUZA, Eliane Almeida de. **A Lei 10.639/2003 na formação de professores e pertencimento étnico-racial em escolas públicas de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado (PPGEducação, UFRGS), Porto Alegre, 2009 Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/21374>. Acesso em 27 de nov. de 2024.

SOUZA, Carmem L. F.; ANTUNES, Lauren B.; NUNES, Georgina H. N. Mulheres Quilombolas e Educação. *Identidade!* São Leopoldo, v.18 n. 3, ed. esp., p. 382-386, dez. 2013.

TODOESTUDO. *Eurocentrismo*. Disponível em www.todoestudo.com.br/sociologia/eurocentrismo acesso em agosto de 2022.

URCAMP, Universidade de Região da Campanha. *Regiões da campanha e da fronteira-oeste*. Disponível em www.urcamp.edu.br/a-urcamp/institucional/regioes-da-campanha-e-da-fronteira-oeste acesso em setembro de 2022.

Sites-agosto, 2022: www.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7031-a-6-setembro-1878-548011-norma-pe.html ; www.palmares.gov.br/sites/mapa/crqs-

[estados/crqs-rs-22082022.pdf](#) ; www.todoestudo.com.br/sociologia/eurocentrismo ;
www.sdolivramento.com.br/cidade/ ; www.atarde.com.br

Recebido em abril de 2024.
Aprovado em dezembro de 2024.